

## Afirmações e textos sobre o Cão de Castro Laboreiro

Os escritos referentes às *cousas* dos nossos recônditos lugares contêm mais imprecisões do que seria desejável. Essa informação, por vezes já em forma de cópia, cujo original foi vertido muitas das vezes da pena de curiosos, quase sempre com a melhor das intenções, não transpôs o crivo da exigência e do rigor. Textos referentes ao cão de Castro Laboreiro não fogem à regra. Hoje em dia com a internet, os erros e as interpretações errôneas, tendem a ser exponenciais. Nestes espaços a informação é pouco compulsada. No entanto, quando tais anotações saem do teclado de jornalistas e investigadores, teremos de ser mais críticos. É



indispensável ser mais exigente na confirmação das fontes, principalmente quando ouvimos ou lemos alguma informação dúbia. Exige-se aos investigadores (e interessados) dos tempos de hoje mais análise crítica. Na ausência de *censura* científica os erros multiplicam-se e perpetuam-se no tempo.

Com este artigo singelo não pretendo produzir explicações pormenorizadas sobre alguns dos *escritos* focados - teria de alongar em demasia o artigo para explicações mais encorpadas – no entanto vou comentar alguns dos casos publicados, para que os autores e o público em geral reflectam sobre os mesmos. Vejamos os exemplos:

### **1º Exemplo:**

*“A importância que a raça tinha na região é evidenciada pelo facto de antigamente os habitantes desta região terem de entregar à coroa, todos os anos, cinco destes cães; eram também comuns as incursões de Galegos na região, roubando as mulheres e os cães (Carvalho da Costa, 1706).”*

**Comentário:** O padre Carvalho da Costa nunca registou tal informação em relação ao Cão de Castro Laboreiro. É um dos textos mais copiados e mais infelizes sobre o Cão de Castro Laboreiro.

**2º Exemplo:**

*“A sua importância é evidenciada pelo facto de, já no séc. III, os habitantes da zona apenas terem de entregar à coroa, todos os anos, cinco cães “sabujos” e pela menção de queixa feita pelos castrejos ao rei de Castela sobre as incursões de Galegos na região, raptando as mulheres e roubando os cães “de raça”*

**Comentário:** Bastaria a data do século III para alertar os mais crédulos.

**3º Exemplo:**

*“A título de curiosidade, há quem refira que na Idade Média, os pastores de Castro Laboreiro eram obrigados a reservar um exemplar das suas ninhadas para as matilhas do Rei D. Pedro I na caça ao urso.”*

**Comentário:** O erro é o mesmo dos parágrafos anteriores, mudam os nomes.

**4º Exemplo:**

*“...que o cão é originário de uma aldeia perdida nas montanhas...”*

Ou, recentemente:

*“...é originário do planalto de Castro Laboreiro...”*

**Comentário:**

Vou aproveitar esta oportunidade – de comentar o 4º exemplo - para trazer ao conhecimento do público outras questões relacionadas com a região, de âmbito geográfico, e que são extremamente importantes quando falamos do Solar do cão de Castro Laboreiro. Por outro lado, pretendo despertar o apetite aos mais interessados para algumas obras de referência relacionadas com os primeiros documentos conhecidos de Castro Laboreiro: os seus forais medievos.

Começemos por lembrar o que foi compilado para os primeiros documentos oficiais da canicultura portuguesa, pela mão do lisboeta, o professor universitário Manuel Marques, em 1935, sobre o cão de Castro Laboreiro:

Nos subsídios históricos: “...o *cão de Castro Laboreiro encontra-se na província do Minho, que fica a nordeste, habitando parte do massiço montanhoso galáico-duriense que vai da Peneda ao Soajo, entre-os-rios Minho e Lima...*”.

No texto do estalão: “*Tem o seu Solar em Castro Laboreiro, donde tirou o nome desde antigos tempos...*”.

“(...)Encontra-se entre as Serras da Peneda e Soajo e os rios Minho e Lima, a altitudes variáveis, indo até perto de 1400 metros. Em outros pontos do Minho e da província do Douro também se vêem alguns exemplares. Ao Centro e Sul do País apenas raros chegam, pelo que passam em geral, despercebidos (...)”

Vejamos também algumas notas soltas de enquadramento histórico e geográfico relacionadas com Castro Laboreiro:

1. Castro Laboreiro, pela sua situação geográfica e de relevo, ocupou no norte de Portugal desde o início da nacionalidade um lugar chave na situação política e militar do reino;
2. Laboreiro era terra avançada do Condado Portucalense; documentos insuspeitos atestam a melhor via de comunicação entre o Laboreiro e o vale do Vez, através de um lugar chamado Porto dos Cavaleiros, lugar meeiro das freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro;
3. D. Afonso Henriques toma, com toda a certeza pacificamente, o seu Castelo em 1141 ao seu primo de Leão – atestado pela carta de couto concedida ao mosteiro de Paderne;
4. A partir dos registos disponíveis, Castro Laboreiro teve forais que fundamentam e legitimam o concelho de Castro Laboreiro, nomeadamente, os de D. Afonso Henriques, D. Sancho I, D. Afonso III e o de D. Manuel; (Aconselho a todos os interessados a leitura atenta das publicações referentes aos forais, principalmente dos autores: padre Bernardo Pintor e doutor José Domingues);
5. O foral de D. Sancho I (1154-1211), pouco citado pelos historiadores, tenta seduzir potenciais povoadores, contando-se entre os seus privilégios a isenção de portagem em todo o reino. O foral aborda também a montaria: os moradores estavam obrigados a acompanhar o Rei ou Rico Homem à caça até ao máximo de três dias por ano com direito a alimentação;

6. Castro Laboreiro foi concelho desde o século XII até ao XIX - de uma única freguesia; Desde 1855 é freguesia do concelho de Melgaço;
7. Castro Laboreiro é uma paróquia constituída por quase meia centena de lugares, com uma organização singular no território nacional (brandas e inverneiras); Alguns dos seus lugares situam-se nos pontos habitados mais altos de Portugal Continental. No concelho viveram mais de 2000 almas, num espaço muito próximo dos 100 quilómetros quadrados;
8. O seu espaço territorial permanece quase inalterado nos últimos 700 anos pelo menos. No lado galego podemos dizer que a fronteira foi sempre a mesma. Nos limites com a freguesia da Gavieira, não aconteceu o mesmo. O Tombo da Comenda de Santa Maria de Castro Laboreiro de 1565, o mais antigo e importante conhecido, escrito com a presença das mais altas individualidades dos concelhos e freguesias envolvidas, coloca a demarcação de Castro Laboreiro a Poente (direcção Norte-Sul): Portela do Lagarto, rio Ermitão (hoje da Peneda), Curral da Armada, rio do Raviado, e Porto do Malho - no rio Laboreiro. A zona Sudoeste da freguesia de Castro à data era espaço extenso e desértico na maior parte do ano – zona de inverneiras de Castro Laboreiro e inexistência dos lugares do Ribeiro. O aparecimento de lugares novos como a Peneda, Baleiral e RIBEIROS, parece ter ajudado à alteração dos limites: deixou de ir ao rio da Peneda, subiu à Matança, terminando no mesmo Porto do Malho.
9. A cabeça da paróquia sempre foi o lugar da vila de Castro Laboreiro: local onde se encontrava a igreja, cemitério e os poderes administrativos e judiciais;
10. O lugar da vila muitas vezes representa Castro Laboreiro. É vulgar encontrar visitantes nos lugares da Ameixoeira (Amenjoeira?), Portelinha, Rodeiro ou Portos a perguntar onde fica Castro Laboreiro; Também, qualquer turista ao chegar ao lugar da vila da freguesia de Castro Laboreiro, pensa que ali - e só ali - é Castro Laboreiro. Confunde-se o lugar da vila com Castro Laboreiro. A maior parte das entidades (instituições e empresas) produzem mapas, escrevem textos, publicam sítios web e colocam placas de sinalização que pouco ajudam.

O veterinário Manuel Marques (ao qual presto a minha homenagem), que redigiu o estalão do cão na década de 30 do século vinte, não fugiu à regra e escreveu: “...*Não é em Castro Laboreiro que, actualmente, se encontram bons cães. Os lugares de Portos, Ameijoeira, Padrosoiro e Corbeira além de outros, tem-nos dos melhores, sobretudo o primeiro*”..

O douto parece ter percorrido todo o espaço da freguesia à procura dos melhores animais, no entanto, quando posteriormente escreveu, *tratou* a vila como sendo Castro Laboreiro – a região. A imprecisão é desculpável, além de ter importância relativa, os tempos eram outros, não havia satélites, internet, gps’s, mapas pormenorizados ou monografias locais no posto de turismo. Chegar a Castro era difícil, perceber o seu povoamento – na ausência de estradas - em pouco tempo não devia ser nada fácil. O próprio deslocou-se em aventura de causar inveja, de cavalgar, de Melgaço a Castro Laboreiro com um guia de confiança.

**Aumentando a abrangência geográfica e histórica desta introdução, chamo à discussão o topónimo antiquíssimo, dos mais velhos conhecidos destas terras: Monte(s) de Laboreiro ou Lebreiro, já esgalhado por investigadores de créditos reconhecidos, mas que tem sido de alguma forma ignorado e raramente referido nas últimas décadas.**

11. Em tempos antigos, os Montes de Laboreiro abrangiam – na margem direita do rio Lima – as terras desde Celanova (Galiza), a poucos quilómetros da fronteira, e estendiam-se até próximo de terras de *Val-de-Vez*, pelo menos até Padrão de Sistelo, Arcos de Valdevez; A vila do Laboreiro era o núcleo de uma comunidade de montanha de grande isolamento. O castelo de Laboreiro seria assim o baluarte para dominar estas terras;
12. Lendo vários autores portugueses e galegos, facilmente encontramos razões documentarias inquestionáveis que justificam esta afirmação;
13. Sobre a etimologia da palavra Laboreiro a opinião mais credível e seguida é a do insigne filologista J. Leite Vasconcelos: Laboreiro, significa lebreiro, ou terra de lebres. Funda-se na forma antiga que era Lebreiro e deve vir de *leporarius*, adjectivo derivado de *lepus-léporis*, palavra latina que significa lebre. Realmente, o Laboreiro dos megálitos é terra de lebres.

14. A versão portuguesa Leboreiro (também Leboreyro) é corrente na documentação antiga portuguesa: referida ainda no foral de D. Manuel I concedido em 1513;
15. Da basta documentação referida pelos estudiosos fiz sùmula de algumas referências publicadas pelo padre Bernardo Pintor:
- O padre transcreve da *España Sagrada*: “*El insigne Monasterio de Celanova tiene su asiento ácia el Mediodia de Orense à três, ò quatro léguas en el território Bubalo (como el de S.Esteban) debajo del monte Leporario, hoy Leboreiro, entre os rios Arnoia e Limia*”;
  - Sobre Celanova, o próprio confessa: “*pude ter à mão fotocópias de muitos documentos do mosteiro de Celanova em que se descrevem inúmeras propriedade « sob monte de Leboreiro*”;
  - Parada do Monte, nas margens do Mouro também ficava no Laboreiro (documento de Fiães de 1191);
  - Sobre a freguesia de Grade (nas inquirições de 1258) ficou registado que os moradores desta freguesia tinham a obrigação de “*correr monte com o rei ou rico-home em Laboreiro ou na Fornia a sua vez por mês*”;
  - Os antigos monteiros da paróquia de S. Martinho do Soajo tiveram questões com o *Alcalyde de Leboreyro* (1282), por causa de certos tributos que lhe deviam satisfazer, ou seja também os montes do Soajo eram dependência de Laboreiro;
  - Os moradores de Riba de Mouro (nas inq. de 1258) “*disseram que quando houver guerra hão-de guardar as travessas do Monte de Laboreiro*”;
  - A carta de foro atribuída em 1271, por D. Afonso III ao lugar de Padrão, freguesia de Sistelo, concelho de Arcos de Valdevez, como o titulo de *Carta de foro de Monte de Leboreiro que vocatur padron*, diz que o rei faz doação daquele seu “*monte ermo que fica no lugar chamado Padrão que é no monte que se diz Laboreiro*”. Os moradores eram sujeitos às penas dos crimes conforme costumes de Val-de-Vez. Entre outros pagamentos, da caça ao porco-montês pagavam a espádua. Pagavam dízimos eclesiásticos à igreja de *sancte Marie de Crasto Leboreyro*.

**16. A interpretação errónea do documento referido no último ponto fez com que durante décadas o Foral de Padrão fosse atribuído a Castro Laboreiro. Apesar de Bernardo Pintor ter publicado a explicação irrefutável em 1959, ainda hoje é vulgar ver escrito em tudo o que é *sítio*, erradamente, que Castro Laboreiro foi concelho desde 1271 – por causa do referido foro;**

17. São muitos os autores galegos e espanhóis que falam do Leboreiro. Elisa Priegue, no seu trabalho *Los caminos medievales de Galicia*, pela sua importância trata em particular os “*Camiños do Leboreiro*”. Em 1947 o ilustre J. Lorenzo Fernandez escrevia sobre as habitações de pastores na *sierra do Leboreiro*, nos *Cuadernos de Estudios Galegos*: “(...) *la sierra del Leboreiro forma la frontera con Portugal en el ángulo SW de la provincia de Orense (...)*”. “(...) *Desde el neolítico tenemos muestras de una población en el Leboreiro , representada por dólmenes e petroglifos.(...)*”. Fala de doações: “(..) *El monarca que más distinguió en este sentido fué Alfonso VII, quien entre otras varias tierras y lugares, hace donación al Monasterio de Celanova del Monte Leboreiro em 1145. (...)*”. “(...) *De todas estas donaciones nos interessa especialmente el Monte o Sierra del Leboreiro, disfrutado por el Monasterio de Celanova por médio de abadías situadas em vários pontos(...)*”.

18. Por ser recente, refiro Castor Pérez Casal, no seu trabalho sobre o *Camiño xcobeo Miñoto Ribeiro*. O historiador transcreve passagem de um documento do ano 1000: “...*villas nostras in valle de Deva tasatrio ...alia villa in Monte Rodundo subtus Monte Leporario;..*”. A referência é ao lugar galego de Monte Redondo, a pouca distância do marco dez da fronteira da raia seca do Laboreiro; O mesmo autor refere outro documento do ano 940 sobre o lugar de Gorgua, perto do marco catorze: “...*per médio mea ratione in villares e bustos que habeo communes cum meos heredes in monte Leporario qui iacent inter rivuos En et Gorgula...*”;

19. As serranias entre Minho e Lima levaram séculos a serem humanizadas de forma permanentemente. Com o decorrer dos tempos - de forma lenta - o homem ocupou as serras entre Valdevez e Celanova. Em 1527 a população ainda era reduzida em todos os concelhos de montanha. A chegada do milho a cotas superiores parece ter ajudado a ocupar as serranias. O milho não chegou a Castro Laboreiro, o seu pão sempre foi de centeio. Com o aparecimento de novos lugares (por exemplo: em Castro Laboreiro os lugares do Ribeiro são extremamente recentes) e freguesias, até novos topónimos aparecem. Os poderes eclesiásticos e administrativos do reino - de forma normal e natural - vão ajudando a que alguns topónimos mais abrangentes, sofram a erosão dos tempos e logicamente deixem de fazer tanto sentido e caíam mesmo no esquecimento dos escrivães de documentos. A organização territorial e os poderes administrativos e eclesiásticos locais ditam as regras dentro da sua paróquia, freguesia ou concelho. Em qualquer documento produzido em Padrão no século quinze ou dezassete, não seria com toda a certeza referido o topónimo Laboreiro como foi em 1271;
20. Os primeiros eruditos, portugueses e estrangeiros, que se aventuram por essas terras e que hoje seriam entre outros: curiosos, coreógrafos, geógrafos, etnógrafos, antropólogos, sociólogos, registaram topónimos sem critério(s) conhecido(s), pesando normalmente os espaços visitados, a sua sensibilidade e os informadores mais letrados com que lidavam, fossem eles régios ou eclesiásticos. O povo reagia com o bom senso costumeiro: quando se perguntava a um habitante de Sistelo ou de Castro Laboreiro, como se chamava os montes em frente, a resposta era óbvia: era os montes da sua terra;
21. O topónimo Laboreiro foi *empurrado* de forma lógica e natural para o seu espaço administrativo e eclesiástico, o concelho de Castro Laboreiro. No lado galego o topónimo permaneceu tão hirto como os cotos da Esculca : serra do Leboeiro.

22. O nome Castro parece ser mais recente que Laboreiro. Em tempos antigos as referências são muitas vezes ao(s) monte(s), à vila e ao castelo do Laboreiro. Castro, é nos montes do Laboreiro.
23. Acompanhando a tragédia da desertificação das nossas terras, que parece sem retorno, o esquecimento total dos topónimos dos nossos locais de nascimento é uma realidade. Em qualquer lugar de Castro Laboreiro desde a saída da casa onde vimos pela primeira vez a luz do dia, até ao monte mais longínquo, todos os locais foram *baptizados* desde tempos antigos. Se questionarmos qualquer jovem de 15 anos nascido no local – e se contarmos com uma boa dose de optimismo – o adolescente será capaz de nos ditar meia dúzia de nomes. Os topónimos estão a morrer com os velhos, e dos poucos que são anotados, muitos, podem ser esquecidos ou deturpados: depende do anotador e do informador;
24. No início do século vinte (tal como hoje), na produção de mapas e textos, por curiosos e académicos, poucas vezes é referida a serra de Castro Laboreiro ou do Laboreiro. Prevalece a serra da Peneda e/ou serra do Soajo. A serra do Laboreiro e o vale do Laboreiro, ou seja, o que resta hoje em dia no lado português dos antigos Montes Laboreiro, eram à data, tal como hoje, toponímia pouco registada. Nas últimas décadas, a extensa freguesia de Castro Laboreiro é considerada muitas vezes, como faldas da serra da Peneda, principalmente os lugares das inverneiras ou no topo Norte da mesma serra. Muitos dos que arriscaram nomes abrangentes para estas serranias, muitas vezes ignoram a riqueza do espaço histórico e cultural local, e atalham pelo caminho mais fácil: o espaço visitado ou o mediatismo de um ou outro local;
25. Caso a senhora da Anamão – ermida mágica para os irmãos arraianos no Laboreiro - tivesse sido mais milagreira e contasse com a ajuda divina no que toca ao dinheiro, para pagar o granito da monumentalidade, catapultando-a para ombrear com a grandeza da *sua prima*, senhora das Neves (da Peneda), quiçá, podíamos também ter o topónimo serra da Anamão abrangendo algumas daquelas serranias. Ou somente as santas é que podem usar vários heterónimos?

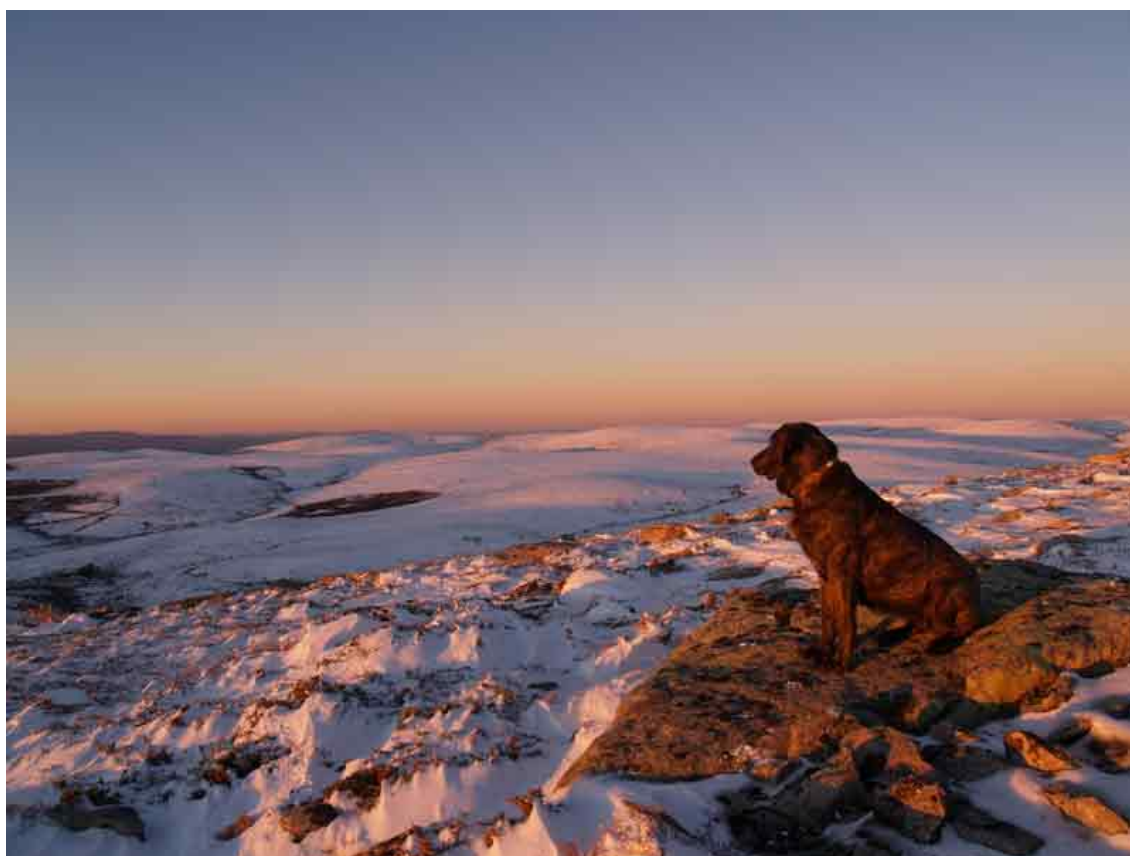
26. Alexandre Herculano na *História de Portugal* escreve que em 1166, enquanto D. Afonso Henriques guerreava outros castelos, “o Conde Velasco apoderava-se por estratagemas dos de Santa Cruz e Monte Laboreiro”.
27. O ilustre historiador também deu a conhecer ao país a serra de Penagache quando narrou a invasão de D. Afonso VII em terras do Condado Portucalense. Penagache, outro dos locais mágicos do Laboreiro para os vizinhos de Celenova (chamo como testemunhas: F. López Cuevillas, X.L. Méndez Ferrin, Aser Álvarez, Júlio Medela, Eguileta Franco e outros que tais) e de Castro Laboreiro;
28. Escrevia em 1758 o abade Manuel Luís Serqueira, ao descrever a freguesia de Santa Maria do Extremo, sita na Portela de Vez, que as “*serras não têm nomes certos*”, e fala na serra da Peneda, serra do Soajo, serra de Sistelo, etc;
29. A pergunta já a fez a doutora Suzanne Daveau: ***fará sentido atribuir um nome único ao conjunto de terras altas rodeado pelos rios Minho, Vez e Lima, como se tornou habitual hoje?*** Parece-me de bom-tom que os topónimos enraizados pela história e pela tradição, sejam mantidos onde realmente fizeram e continuam a fazer sentido para os habitantes locais. No mundo global em que vivemos, imperialismos culturais são sinónimo de ignorância e com o decorrer dos tempos: pobreza cultural.
30. O Parque Nacional Peneda-Gerês (PNPG) foi criado pelo decreto nº187/71, onde estabelece como áreas: planalto de Castro Laboreiro, serra da Peneda, Soajo, Amarela, Gerês e planalto da Mourela. A partir desta data começa-se a falar de um vocábulo novo: planalto de Castro Laboreiro, e torna-se mesmo moda. No lado galego temos a serra do Leboeiro desde tempos imemoriais. A toponímia do lado galego permaneceu sempre. A memória das gentes também. Quais são os limites do dito planalto? Aliás, ao falar de planalto (tipo de relevo) de Castro Laboreiro, estamos a falar de uma área do lado português, porque parte do dito planalto expande-se na Galiza como Leboeiro. Ou seja, os legisladores consideraram que pelo menos o planalto de Castro Laboreiro não pertencia à serra da Peneda. Ou pertencia? Se pertencia à serra, para que referi-lo separadamente?

- 31. No excerto documental de limites de Castro Laboreiro (por exemplo, no ano: 1538, 1551, 1565, 1754, etc) com a Galiza são referidos unicamente topónimos do Laboreiro;**
- 32. Nos documentos do século XIX e XX elaborados pela Comissão de Limites entre Portugal e Espanha na demarcação da fronteira desde o rio Minho até ao Guadiana, conforme o tratado de 29 de Setembro de 1864, no território de Castro Laboreiro, ou seja, na sua raia seca, referem unicamente a serra do Laboreiro;**
33. Nos documentos oficiais dos limites de Castro Laboreiro com o antigo concelho do Soajo (tinha anexa a freguesia da Gavieira) ou com o antigo concelho de Valadares (Lamas de Mouro pertencia a Valadares) são usados topónimos locais.
34. Posso deixar algumas perguntas para resposta: A serra da Peneda faz fronteira com a Galiza na raia seca? Encontra-se o castelo de Castro Laboreiro na serra da Peneda? O lugar da vila do Laboreiro é na serra da Peneda? A necrópole megalítica do Laboreiro encontra-se na serra da Peneda? Nasce o rio de Castro Laboreiro na serra da Peneda? A serra do Laboreiro (existente do lado galego) é contígua à serra da Peneda (na raia)?
35. A última pergunta, em caso de ser afirmativa, suscita uma singularidade da geografia: até à fronteira, serra do Laboreiro, da fronteira para o lado português: serra da Peneda. Em alguns mapas é isso mesmo que acontece.
36. Na minha opinião, é uma heresia histórica e cultural colocar o lugar de Portelinha, Rodeiro, Portos, Vila, Ameixoeira, em qualquer outra serra que não seja a do Laboreiro; Só faz sentido falar de Castro de Laboreiro.
37. Finalizando: historicamente e culturalmente ainda que, por motivos diferentes, não seria muito correcto colocar o Convento de Fiães ou o monte do Quinjo na serra da Peneda.

Manuel Marques nos subsídios históricos escreveu que, Castro Laboreiro “*está situada do lado norte da Serra da Peneda*” e que “*o cão de Castro Laboreiro encontra-se na província do Minho, que fica a nordeste, habitando parte do maciço montanhoso galáico-duriense que vai da Peneda ao Suajo, entre-os-rios Minho e Lima...*”.

O professor afirma sem margem para dúvidas que o cão só habita em parte do referido maciço – em Castro Laboreiro – e situa a freguesia de Castro Laboreiro do lado Norte da serra da Peneda.

O professor Manuel Marques com o objectivo de estabelecer um Solar baseado em montanhas e/ou rios e/ou cotas de altitude - como se fazia na canicultura internacional - não encontrou a serra do Laboreiro em nenhum dos poucos compêndios consultados.



Os ventos nesta data não eram de certeza de feição para o termo Laboreiro, apesar de o cinófilo não ter obrigações tão rigorosas no conhecimento das serras.

Nos últimos séculos, a criação, preservação e principalmente a selecção e evolução da raça foi unicamente trabalho da responsabilidade dos habitantes da paróquia do Labreiro, se exceptuarmos os poucos criadores espalhados pelo país e na Galiza – aparecidos nas últimas décadas - todos com um trabalho irrepreensível e meritório.

A desertificação nestas terras é brutal. Não há pessoas, não há cães. A luta futura promete ser mais renhida. A extinção das raças autóctones, principalmente as menos conhecidas e muito localizadas, parecem ter um destino incerto.



Nos primeiros anos deste século, a raça aparece envolta naquela névoa cerrada – *dia de lobo*, no dizer das Gentes – que nos seus melhores dias faz desaparecer totalmente o Alto do Giestoso, ponto mais alto do Labreiro. Tal bruma, viveu ali desde o princípio do mundo e sempre foi respeitada pelos *pegureiros* mais velhos, que conheciam o monte ao apalpão. Quando a névoa os envolvia com o seu manto, ganhavam a contenda usando o segredo antigo que nunca foi descoberto: os animais é que tomavam a dianteira nos caminhos do *eido*.

O garrote da extinção do *tisco*, apesar de *refungado*, parece querer apertar.

Esta terra sempre foi conhecida pela fama dos seus corpulentos cães de guarda. Nos últimos séculos, a cultura deste animal excepcional abrilhantou Castro Laboreiro. O futuro desta criatura nobre e fiel, encontra-se nas mãos das Gentes do Laboreiro e daqueles que a quiserem adoptar e acarinhar.

É de todos a responsabilidade. Muitos, somos poucos.

Castro Laboreiro, 23.02.2007/Actual. 02.11.09, Américo Rodrigues;  
rodriguesamerico@hotmail.com